

## CONTOS

### O SORRISO DO MORTO

Celina Fontenele Garcia

Esgueirou-se silenciosa pelas sombras da Igreja. Não queria ser vista ali, por isso escolhera aquela hora matinal, em que todos estavam ou cansados e sonolentos, ou mergulhados na tristeza, para notarem a sua presença. Foi-se aproximando devagarinho, antegozando a hora de encontrá-lo mais uma vez. Agora, era a vitoriosa. Viera ali com um único fim: vê-lo e dessa vez sairia vencedora do confronto. Procurou aproximar-se com cautela. Aquele lenço, aqueles óculos extravagantes disfarçavam sua figura tão comum, a que o louro do cabelo imprimia nova aparência.

E o viu. Agora ali estava diante dele, olhando-o. E despejou baixinho todo o seu ódio, todo o seu despeito, toda a sua vingança. Era sua vez de rir de tripudiar sobre ele. E já começara muito bem. Não ordenara ao filho para fuçar os bolsos do pai ainda quente da morte? Viu, como valeu a pena? O resultado foi muito bom. Cheques assinados em branco, chaves e algum dinheiro. Era a dona da situação. Daria as cartas, ditaria as regras do jogo.

Olhou para o morto. Ele estava sorrindo. Um sorriso calmo, de vencedor. Não, aquilo não podia ser, não era verdade! "É verdade sim!", ele parecia responder através de seu sorriso. "Você será sempre uma perdedora. Não importa o que você faça, eu sou mais forte."

— "Não é possível, eu estou aqui, viva..."

— "Mas você terá sempre, ao lembrar de mim, o gosto do fracasso, da derrota."

Era preciso acabar com aquele diálogo sem palavras. Não era possível permitir que continuasse ali, a olhar aquele sorriso, a ouvir aquela voz. Procurou livrar-se daquela impressão.

Ele estava ali, deitado, a sorrir calmamente. Não importava o que ela fizesse, nem como destilasse o seu ódio, aquele sorriso continuava a persegui-la. Que loucura!

Continuava a ouvir a voz dele e tinha a impressão de que seus olhos a fitavam.

— “Tu és incapaz de um sentimento bom, de lealdade. Por isso só podia partir de ti aquela ordem de roubar de meus bolsos tudo o que teu filho pudesse encontrar. Sim, ele é teu filho, tem todos os defeitos e nenhuma qualidade. Herdou de ti também a loucura e a covardia”.

Alguém já falara em loucura em sua família, porém pensara que as atitudes de sua mãe eram ditadas apenas pela falta de educação, e as de seu pai, originadas pelo álcool.

Mas ele estava ali, como no tempo em que fora casada, e ria dela, com aquele riso superior! Ele vencera.

Ela saiu, pressurosa, sem se importar com o que pudesse pensar ou dizer. Saiu para a claridade, para o sol. Mas ao sentir a luz teve um arrepio, e inconscientemente, procurou as sombras das casas e caminhou apressadamente, como a fugir daquele sorriso que estranhamente a perseguia.

## A MÃO DO MORTO

Irmã Elizabete olhava calma pela janela da casa o rio colorido pelo pôr-do-sol, a floresta que começava a se cobrir das sombras da noite que caía lentamente. Estava sozinha na aldeia. Suas companheiras viajaram e estavam retidas rio abaixo por uma pane no motor do barco. Os índios preparavam a festa do milho com grande agitação de toda a aldeia. Irmã Elizabete continuava a olhar para fora e seus olhos transmitiam a tranqüilidade e a calma que sempre sentira em sua vida, mesmo nas situações mais perturbadoras. Deixara sua casa, transpusera o mar em busca de concretização de um ideal, e ali estava num país tropical, numa floresta virgem numa aldeia de índios, morando numa casa igual à deles. A única diferença é que a deles era composta de um único compartimento, e a das irmãs era uma construção comprida, dividida em três ambientes: o quarto, no meio a capela e na outra ponta a copa-cozinha-sala de visitas.

A vida e olhar calmo de Elizabete vão mudar subitamente com a notícia que corre na aldeia. Uma mulher, que fora convidada para a festa, fora picada por uma serpente e precisava de ajuda. Que acontecerá? Um casal estrangeiro — um jornalista e uma fotógrafa — desejava assistir à festa na aldeia, por isso caminhava rapidamente te-

mendo serem apanhados pela noite na floresta. Ela sente então aquela dor no pé, aquele fogo e o ruído característico de uma cobra que foge — uma cascavel com seu chocalho. O marido desesperado deixa-a na beira do caminho e corre para a aldeia buscar ajuda. A preocupação, a idade e a noite atrapalharam o infeliz. Quando ele volta com ajuda ela está morta. Tentara, ela mesma, tirar o veneno com a própria boca e morrerá mais depressa. Fora uma tentativa impensada de se salvar ou no seu desespero apressara a sua morte? Essas indagações corriam não só pelo cérebro de Elizabete, mas de todos que estavam na aldeia. Ele acabrunhado, ajudara a depositar a morta na capela. Elizabete compassiva, passara a noite velando aquele corpo, pedindo a Deus por aquela alma, ouvindo as vozes daquela noite que pouco a pouco penetravam em seus nervos. A solidão e o medo iam emprestando significados fantasmagóricos àquelas vozes tão conhecidas suas. Já assistira, velara e rezara por outros mortos, mas aquela noite tinha um significado diferente. O que acontecera realmente? Que mistério cercava aquela mulher? Por que o marido não vinha fazer-lhe companhia naquelas horas vazias? Por que não viera ouvir também os lamentos da noite por aquela morta solitária?

Graças a Deus o dia vinha chegando. Elizabete levantou-se, foi para a cozinha acender o fogo e fazer café. Queria fugir ao torpor da morte que pairava em toda casa. E aquele homem que não se levantava! A rede armada na véspera atravessava a sala. Para acender o fogo precisava passar por baixo da rede. Que homem estranho, nem ao menos foi ver a mulher na capela, e ainda dorme profundamente a uma hora dessas. Deitou-se e dorme a noite toda!

Ao passar sob a rede percebeu que o braço do homem pendia para fora. Não ligou para isso. Tinha pressa de fazer o café, de fazer alguma coisa, de pensar noutra coisa. A morte é inevitável mas temos que pensar também na vida e seus mistérios. Pensando assim sentiu uma mão fria roçar sua perna. Um calafrio a percorreu espinha abaixo e o frio se localizou no estômago. Uma estranha sensação a invadiu, dominou-se, porém pegou resolutamente no pulso do homem. Estava morto. Como? Por que? De susto, desespero ou se matara ao ver a companheira morta? Elizabete sentiu que a terra oscilava e uma nuvem escura a envolveu. Tudo desapareceu no vazio. Quando voltou a si ouviu as vozes das companheiras, vindo de muito longe, aflitas... As companheiras assumiram todos os encargos dos enterros e da procura dos parentes dos mortos.

Alguns dias depois Elizabete partia, doente, os nervos em frangalhos. Não agüentara a visão dos mortos e sentia ainda a mão do marido da fotógrafa, fria, gelada, roçar em sua perna. A cena se repetia a cada instante em sua cabeça. Queria esquecer aquele dia trágico e aquelas mortes cujo mistério a própria morte guardou.

## A PROMESSA

Zé Alberto chegara meio encasquetado, falando aos borbotões. Não sabia como a patroa ia recebê-lo, nem se ia dar crédito àquela história. Sabe-se lá o que vai na cabeça dos patrões? Mas já que estava ali era forçoso falar. Também dava pena pensar no pobre rapaz sem fazer nada.

— “Sabe, doutora, desde que estou vigiando sua casa que não tenho tido sossego. Minha mulher não dorme à noite, só de manhãzinha. Toda noite é a mesma coisa. O pobre rapaz não descansa! Toda noite é a mesma coisa. As cadeiras arrastadas, as chinelas arrastadas na difícil caminhada, corredor acima corredor abaixo, sem descanso, sem paradeiro. Outra noite, minha mulher estava sentada no chão, vendo televisão e quando ele entrou puxou os cabelos dela e disse: “mulher, tanta cadeira e você sentada no chão!” E doutora, não tinha mesmo nenhuma cadeira! Eu por mim, deixava a coisa como está, mas minha mulher tem pena. Quer ver o pobre rapaz descansar. Ela quer ir numa sessão. A senhora não se incomoda? Afinal a casa é sua. Estou só falando das intenções da minha mulher”.

O velho desceu satisfeito com a resposta positiva da patroa. O tempo passou, o velho desapareceu e ela respirou aliviada quando Zé Alberto saiu. Que conversa mais desconstrada, mais sem pé nem cabeça! Que rapaz era aquele que andava toda noite sem descanso, e às vezes chegava à porta e ficava de braços cruzados, olhando a rua...

Pensou ainda alguns dias no assunto, intrigada, mas descrente. E finalmente esqueceu o episódio.

Tempos depois Zé Alberto volta, ainda mais sem jeito, sem saber como falar.

— “Sabe, doutora, o rapaz disse que só descansa quando a senhora cumprir o prometido a ele. Só a senhora sabe o que prometeu a seu irmão. Antes disso ele não terá descanso”.

E essa agora. Que promessa fizera ao irmão? Não tinha a mínima idéia. Aliás, a gente promete tanta coisa, durante um banho de piscina, uma partida de cartas, ou entre drinques! Não se lembrava de nenhuma promessa não cumprida que pudesse tirar o sossego de vivos ou de mortos.

Tentava se lembrar de alguma promessa feita e não conseguia. Com o passar dos dias esqueceu o fato.

E agora aquilo. Zé Alberto de novo em sua casa. Só um fato muito grave faria com que ele viesse falar-lhe.

Aquela mesma timidez, aquelas reticências...

E afinal ele falou, aos arrancos: — “o rapaz mandou dizer que agora já pode descansar. A senhora já cumpriu o prometido”.

Não entendeu. Mais tarde, uma luz apareceu naquele caso misterioso. A promessa tinha sido realmente cumprida. Indiretamente, mas cumprira. Através de sua irmã que realizara a transferência dos despojos de sua mãe, do cemitério antigo para o novo, com o único fim de juntá-la ao pai. E ao filho. Esquecera a promessa feita ao irmão num momento de brincadeira, num intervalo de jogo.

O que havia de verdade em tudo isso? Que história maluca do irmão que aparece, manda recado, cobra promessa, ameaça não descançar, por toda eternidade...

Sua cabeça rodava, rodava e nem viu Zé Alberto saindo.

Como entender tudo isso? Uma coisa dessas nem Freud explica...